

## Ilan Goldfajn será o 1º brasileiro a comandar o BID

# Ilan Goldfajn Não podemos desperdiçar este momento histórico, vou escutar todo o mundo

Presidente eleito do BID não comenta atuação de parte do PT contra seu nome, mas diz que há afinidades entre seu projeto e o do partido

### ENTREVISTA

Alexa Salomão

**BRASÍLIA** Ainda que não tenha recebido apoio oficial do governo eleito de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o economista Ilan Goldfajn atribuiu ao consenso em torno do seu nome a sua histórica eleição, neste domingo (20), para a presidência do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).  
"A primeira coisa que eu vou fazer é sentar com todo o mundo para escutar", disse à Folha em sua primeira entrevista após a eleição. "Não podemos desperdiçar este momento histórico, [devemos] fazer um trabalho que nos orgulhe a todos no Brasil e na América Latina."

Ilan preferiu não comentar a atuação de parte do PT contra seu nome. "O que posso dizer é que a minha candidatura representa o Brasil, [...] que sou sempre fui independente e que minhas gestões são técnicas."

Ele destaca que há afinidades em seu projeto e o do PT. "É um prazer avançar com minha plataforma, que coincide muito com a do governo eleito do Brasil", diz ele, que defende o combate à fome e um crescimento sustentável e inclusivo.

Ilan recebeu 80% dos votos e teve apoio de 26 países, disputando com quatro outros indicados. Na reta final, a Argentina retirou a sua candidatura para votar no brasileiro. São 48 membros, mas os votos têm pesos diferentes. Ilan contou com apoio dos EUA, que representam 20% dos votos. Brasil e Argentina, por sua vez, têm, cada um, 11,4% dos votos.

\*

**O sr. será o primeiro brasileiro presidente do BID, e com uma votação expressiva. A quem o sr. atribui esse resultado?** Acho que foi uma combinação. É uma candidatura do Brasil, e o Brasil é importante para a região. Também houve a percepção que o meu perfil encaixava. Sou apolítico. Não tenho filiação partidária. Desde o convite, entendi que a minha candidatura era de Estado, e acho que a minha eleição agrega todo o mundo.

**O sr. é conhecido como técnico e não afeto à exposição política. Como foi a tarefa de buscar votos?** Pedi licença do meu trabalho assim que anunciado como candidato, lá atrás, em outubro, logo depois das reuniões anuais do FMI. Basicamente, foi para me apresentar e falar com todo o mundo. São 48 governadores, em geral ministros da Fazenda, e devotar falado com todo o mundo. Também falei com muita gente no Brasil.

**Diante de todo esse apoio, qual foi a sua reação quando soube que o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega havia enviado uma carta aos EUA pedindo o adiamento da eleição porque o sr. não havia sido indicado pelo governo eleito do Brasil?** Não quero entrar em questões passadas. Não dei entrevista sobre isso. Você sabe do meu estilo. Não entro em confronto. E também não é momento para isso.

Nunca foi considerado o adiamento da eleição porque é uma questão de procedimen-



Ueslei Marcelino - 22.jan.19/Reuters

### Ilan Goldfajn, 56

Nascido em Haifa (Israel), veio ainda criança para o Brasil. Formado em economia pela UFRJ (Universidade do Rio de Janeiro), tem doutorado em economia pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e foi professor da PUC-Rio. Atuou tanto na iniciativa privada como na pública. Foi economista do FMI e presidente do Banco Central, economista-chefe do Itaú Unibanco e presidente do conselho de administração do Credit Suisse Brasil. Para concorrer ao BID, licenciou-se do cargo de diretor de Hemisfério Ocidental do FMI.

to e de regulamento do BID. Isso não era possível.

O que posso dizer é que a minha candidatura representa o Brasil. Eu acredito que este é um momento de, como brasileiros, todos nós, juntos — todo mundo mesmo, 100% —, trabalharmos em harmonia com o BID. Posso dizer que é um prazer avançar com a minha plataforma, que como já foi dito, coincide muito com a do governo eleito do Brasil. Vou trabalhar em harmonia com o governo eleito do Brasil e com todos os governos da região.

**Alguém do governo eleito procurou o sr. antes ou depois da eleição?** Não quero entrar nessas questões, mas diria que os apoios e as conversas foram de todos os matizes.

**Comenta-se que o apoio dos EUA foi oficializado após Celso Amorim, então próximo a Lula, dizer em entrevista que não havia objeção ao seu nome. É verdade que esse gesto agregador ajudou?** Diria que sempre foi relevante a percepção de que não havia objeção à meu nome. Assim como foi importante a posição do atual governo, que apoiou meu nome e votou. O apoio e a não objeção foram importantes para dar tranquilidade aos que votaram em mim.

Vou, sem dúvida, trabalhar com o governo eleito do Brasil e de todos os países da região. Avaliar financiamentos à infraestrutura e questões como ambiente, pobreza, desigualdade e fome — que chamamos de insegurança alimentar.

**O sr. já tem alguma medida elaborada para aliviar a fome?** Segundo o último dado, 40% da população dessa parte do continente tem algum nível de insegurança alimentar, moderada ou severa. As ações precisam ser conjuntas. Primeiro, é importante agir emergencialmente, com planos de transferência de renda. Mas é necessário também garantir financiamento em questões emergenciais de oferta.

Se o problema é oferta de alimentos, precisamos ampliar a atuação pensando localmente. América Latina e Caribe são responsáveis por 45% da produção de commodities alimentares.

Mas precisamos ter produtividade não apenas para a exportação. Também é preciso

ter linhas de financiamento para fazer o recurso chegar à ponta, para atender os mais pobres, que têm dificuldade em acessar crédito.

**O sr. assume o BID em um momento global mais sensível, com inflação elevada e projeções de retração do PIB. Qual pode ser a contribuição do banco?** Nesses momentos mais difíceis, as taxas de juros internacionais ficam mais altas, e os financiamentos, mais escassos. Recursos de organismos multilaterais como o BID são essenciais. Temos espaço para tomar o BID, novamente, a instituição mais importante da América Latina.

Os financiamentos do banco podem ser dirigidos para atuar em várias questões básicas, como pobreza e desigualdade, questões de gênero e temas climáticos. Há toda uma discussão a ser feita sobre a Amazônia. Eu não poderia ser um candidato do Brasil sem pensar na preservação da biodiversidade da floresta amazônica. Esse é um papel de todo brasileiro. Atuar na Amazônia para melhorar a questão do clima é uma contribuição global. Vou atuar como elo nessa discussão.

**Economistas não costumam se dedicar a temas como diversidade, e o sr. destacou no seu plano atuar em questões raciais, de gênero e LGBTQIA+.** Por quê? Esse é um dos temas mais debatidos nos organismos multilaterais. É uma preocupação de vários integrantes do conselho, tanto dos membros da região, da América Latina, quanto de outros países europeus e asiáticos. O BID precisa ser uma liderança nessa temática de inclusão.

**Qual será o papel dos investimentos em infraestrutura na sua agenda?** Uma das linhas mestras do BID é o financiamento à infraestrutura, e será uma de minhas prioridades. Mas com o BID também precisamos trazer recursos privados. O dinheiro público é escasso. A demanda nessa área supera a oferta de dinheiro público.

É importante dizer que os recursos privados entram mais facilmente quando o país tem respeito às leis e regras do jogo. Tem democracia. Se o país tiver um bom ambiente de negócios, ajuda o trabalho do BID de atrair recursos privados para financiar a infraestrutura.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Mercado **Caderno:** A **Página:** 14